

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

VALKIRIA BULLERJAHN RODRIGUES

O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO NO CONTEXTO DE UMA EDUCAÇÃO
DIALÓGICA

VITÓRIA /ES
2024

VALKIRIA BULLERJAHN RODRIGUES

O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO NO CONTEXTO DE UMA EDUCAÇÃO
DIALÓGICA

Monografia apresentada ao Departamento de
História da Universidade Federal do Espírito
Santo, como requisito parcial para a conclusão
do curso de graduação em Licenciatura em
História.

Orientador (a): Prof^a. Dra. Sônia Maria da
Costa Barreto.

VITÓRIA/ES
2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Sônia Maria da Costa Barreto, pela sua orientação, apoio e incentivo durante todo o processo de elaboração deste TCC. Agradeço a paciência, as sugestões e a disponibilidade para me auxiliar na superação dos desafios encontrados.

Agradeço também aos meus colegas de curso pelas valiosas discussões e colaboração durante todo o percurso trilhado. Agradeço especialmente a tutora presencial Daiana Espindula Lampier, a coordenadora Eliana de Deus Sobrinho do Polo de Domingos Martins, bem como a secretária Dulcinéia Wruck, que estiveram sempre presentes e dando o apoio necessário nesta jornada.

Sou grata à minha família e em especial ao meu esposo Aloisio pelo apoio durante toda a minha trajetória acadêmica. Agradeço aos meus pais Marciano e Florizia por acreditarem em mim e me incentivarem a sempre buscar meus sonhos.

Finalmente, agradeço à Universidade Federal do Espírito Santo por me proporcionar a oportunidade de realizar este curso. Agradeço especialmente à todos os professores que não mediram esforços para compartilhar seus conhecimentos e assim aprimorar o meu conhecimento acadêmico, bem como sou grata as tutoras a distância pelas suas contribuições no desenvolvimento das atividades, e também um agradecimento especial a Coordenadora do curso de História EAD, Prof.^a Dr.^a Patricia Maria da Silva Merlo.

"A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original."

Platão

RESUMO

A presente pesquisa se remete a uma reflexão sobre a educação, visando o agir pedagógico do professor, bem como o processo dialógico do ensino aprendizagem. A prática educativa se internaliza mediante interações entre os indivíduos, portanto o diálogo se constitui como elemento essencial, para o crescimento cognitivo, intelectual e humano, fruto das interações entre as pessoas. Quando a escola pratica somente uma metodologia mecanizada, somente transmitindo conhecimento, cria barreiras, afastando possibilidades de uma prática educativa teórica-reflexiva, passando a agir no senso comum, e com essa ausência de reflexão, acaba fechando-se para o diálogo. O Mito da Caverna se encontra no início do livro VII de “A República”, de Platão, se baseia de forma precisa em uma imagem construída por Sócrates para explicar o processo pelo qual o indivíduo passa ao afastar-se do mundo do senso comum e da opinião em busca do saber e da visão do bem e da verdade. Esse é o percurso do indivíduo, liberta-se e adquirir a sabedoria, devendo retornar a caverna para cumprir o seu papel político-pedagógico, mostrando o caminho para os outros que ali permaneceram. O filósofo Platão considerava a sociedade de seu tempo ignorante e, por isso, formulou modelos para o ensino. Segundo Platão, o conhecimento é resultado da contemplação do mundo das Ideias pela alma. Nesse sentido, apresenta-se como principal objetivo: compreender a relevância da contribuição da Filosofia Platônica no contexto da formação humana, visando uma educação dialógica e emancipadora. O caminho metodológico a ser percorrido, será via análise documental e pesquisa bibliográfica, dialogando com Freire e Luckesi, para formentar conexões que visam a educação como autônoma e dialógica.

Palavras-chave: Educação e Dialógica. Autonomia. Platão.

ABSTRACT

This research refers to a reflection on education, aiming at the teacher's pedagogical action, as well as the dialogical process of teaching and learning. Educational practice is internalized through interactions between individuals, therefore dialogue is constituted as an essential element for cognitive, intellectual, and human growth, resulting from interactions between people. When the school practices only a mechanized methodology, merely transmitting knowledge, it creates barriers, distancing possibilities of a theoretical-reflective educational practice, starting to act on common sense, and with this absence of reflection, it ends up closing itself to dialogue. The Allegory of the Cave is found at the beginning of Book VII of Plato's "Republic," and is based precisely on an image constructed by Socrates to explain the process by which the individual goes through when moving away from the world of common sense and opinion in search of knowledge and the vision of good and truth. This is the individual's journey, he is freed and acquires wisdom, and must return to the cave to fulfill his political-pedagogical role, showing the way for others who remained there. The philosopher Plato considered the society of his time ignorant and, therefore, formulated models for teaching. According to Plato, knowledge is the result of contemplating the world of Ideas through the soul. In this sense, the main objective is to understand the relevance of the contribution of Platonic Philosophy in the context of human formation, aiming at a dialogical and emancipatory education. The methodological path to be followed will be through documentary analysis and bibliographic research, dialoguing with Freire and Luckesi, to foster connections that aim at education as autonomous and dialogical.

Keywords: Education and Dialogical. Autonomy. Plato.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO-----	7
2- CAPÍTULOS -----	11
2. 1 CONTEXTO E CONEXÕES DO MITO DA CAVERNA NA <i>REPÚBLICA</i> -----	11
2.2 DIÁLOGO: UMA PERSPECTIVA PARA A ESCOLA COMO INSTÂNCIA DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA _____	20
2.3 - O MITO DA CAVERNA E A EDUCAÇÃO DIALÓGICA: DIÁLOGOS E CONVERGÊNCIAS _____	29
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	33
4-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	35

1- INTRODUÇÃO

A educação está atrelada a conceitos, valores e finalidades, donde a necessidade de uma permanente reflexão sobre sua função e seus efeitos na e para a sociedade. Esta pesquisa tem assim o interesse de investigar a contribuição da filosofia platônica no processo de formação dos professores. Fundamentando-se na leitura da Alegoria da Caverna.

Para tal, apresentamos o seguinte problema: Qual a contribuição da filosofia platônica no processo de construção de uma Educação dialógica?

A justificativa da presente discussão se remete a uma reflexão sobre a educação, visando o agir pedagógico do professor, bem como o processo dialógico do ensino/aprendizagem. A prática educativa se internaliza mediante interações entre os indivíduos, portanto o diálogo se constitui como elemento essencial, para o crescimento cognitivo, intelectual e humano, fruto das interações entre as pessoas. Quando a escola pratica somente uma metodologia mecanizada, somente transmitindo conhecimento, cria barreiras, afastando possibilidades de uma prática educativa teórica-reflexiva, passando a agir no senso comum, e com essa ausência de reflexão, acaba fechando-se para o diálogo.

O Mito da Caverna se encontra no início do livro VII de “A República”, de Platão, se baseia de forma precisa em uma imagem construída por Sócrates para explicar o processo pelo qual o indivíduo passa ao afastar-se do mundo do senso comum e da opinião em busca do saber e da visão do bem e da verdade. Esse é o percurso do indivíduo, liberta-se da prisão e adquire a sabedoria, devendo retornar a caverna para cumprir o seu papel político-pedagógico, mostrando o caminho para os outros que ali permaneceram. O filósofo Platão considerava a sociedade de seu tempo ignorante e, por isso, formulou modelos para o ensino.

Segundo Platão, o conhecimento é resultado da contemplação do mundo das ideias pela alma. Platão em seu mito da caverna evidencia, de acordo com Silva (1995) que:

É preciso fugir do sensível, das sombras e dos fantasmas e encontrar fora da Caverna o verdadeiro mundo dos objetos e o sol que os ilumina no seu verdadeiro e autêntico ser. Aquele que se aprende a se voltar das sombras para a fonte de luz buscará esta fonte como finalidade última do trajeto do pensamento. E a dialética, enquanto método, garante que esta busca não seja uma errância, mas algo que se dá numa direção bem determinada que é de generalidade e imutabilidade, que caracterizam as essências, que caracteriza a ideia do bem, fonte de valor e realidade (SILVA, 1995, pág.14).

Isso ajuda a compreender o papel de uma postura filosófica na formação do professor bem como em sua prática educativa, no sentido de desenvolver uma consciência crítica e reflexiva em seus estudantes. Pode-se concluir que é de suma importância que o professor tenha características como, fazer e pensar a relação da teoria e da prática; ser um agente transformador da realidade; ter atitudes críticas- reflexivas; oportunizar uma prática dialógica e emancipadora.

Segundo LUCKESI (1994, p. 38):

A educação como instância social que está voltada para a formação da personalidade dos indivíduos, para o desenvolvimento de suas habilidades e para veiculação dos valores éticos necessários a convivência social, nada mais tem que fazer do que se estabelecer como redentora da sociedade, integrando harmonicamente os indivíduos no todo social já existente.

A educação consiste em despertar no indivíduo o que ele já sabe, para dialogar com o conhecimento que ainda precisa ser apreendido. A educação na concepção de Platão representa a conversão da alma na busca do conhecimento verdadeiro, numa perspectiva do prisioneiro figurar a condição humana que sai do mundo das sombras, para a luz da sabedoria e da verdade. As reflexões abordadas terão como foco investigativo a Filosofia de Platão na formação e na prática educativa do professor, fundamentado na Alegoria da Caverna, no processo da Dialética e no Diálogo como instância de mediação pedagógica.

O Balanço Historiográfico é importante para iniciar a pesquisa serão investigadas algumas conexões entre o Mito da Caverna com assuntos tratados na República, na finalidade de pontuar referências para sua leitura e interpretação. Na sequência, nos debruçaremos na questão de uma Educação emancipadora como processo vivenciado pelo homem acorrentado que se libertou e alcançou o mundo exterior e a forma de saber que lhe subjaz. Por fim, comentaremos a pertinência desses elementos para o processo educacional, seja para a formação do professor, seja para a relação de ensino-aprendizagem. Desta forma, dialogaremos com outros autores como Freire (2006) e Luckesi (1994), buscando o alinhamento de pensamentos que permeiam uma educação autônoma e emancipadora.

Como Objetivo Geral, apresenta-se:

-Compreender a relevância da contribuição da Filosofia Platônica no contexto da formação humana, visando uma educação dialógica e emancipadora.

E como Objetivos Específicos:

- Verificar a formação do professor como um processo contínuo marcado pelo diálogo permanente com as reflexões sobre o homem, a educação, a sociedade, a História.
- Mostrar a importância do papel do professor na sociedade voltada para uma visão transformadora do contexto vivido; superando a perspectiva do senso comum pedagógico através de uma atitude filosófica em relação a educação.
- Descrever a contribuição de Platão para a educação, intencionalizando a prática educativa respaldada em uma prática pensada, refletida, construída e reconstruída, apoiada em fundamentos históricos e sociológicos, essenciais para a compreensão do meio social.

Com relação ao Referencial Teórico, a abordagem se fundamentará no livro VII de “A República”, dando relevo à passagem conhecida como Mito da caverna. Como foco de análise, damos atenção à condição dialética na formação do professor, com vistas a uma prática educativa ancorada na prática do diálogo.

Para forjarmos essa correspondência, vamos primeiro averiguar algumas conexões

entre o Mito da caverna com assuntos tratados na *República*, no intuito de explicitar algumas referências para sua leitura e interpretação. Em seguida, nos debruçaremos na questão da dialética como processo vivenciado pelo homem acorrentado que se libertou e alcançou o mundo exterior. Por fim, comentaremos a pertinência desses elementos para o processo educacional, seja para a formação do professor, seja para a relação ensino-aprendizagem

O referencial teórico alicerçado em Platão será organizado a partir de análises de conteúdos relevantes para o estudo e o tratamento dos dados será baseado em teóricos que trabalham os conceitos utilizados.

Os capítulos abordarão a Filosofia de Platão na Formação e na Prática de um educação emancipadora, elencando o papel social do professor; a superação do senso comum pedagógico; Homem, Educação e Sociedade; Filosofia da Educação: prática pensada, refletida, construída; Diálogo: uma perspectiva para a escola como instância de mediação pedagógica. Serão alguns elementos a serem investigados na pesquisa para o aprofundamento filosófico sobre o eixo norteador da pesquisa.

A fim de desenvolver a pesquisa, é necessário averiguar algumas conexões entre o Mito da Caverna com assuntos tratados na *República*, no intuito de explicitar algumas referências para sua leitura e interpretação. Em seguida, nos debruçaremos na questão da dialética como processo vivenciado pelo homem acorrentado que se libertou e alcançou o mundo exterior e a forma de saber que lhe subjaz. Por fim, comentaremos a pertinência desses elementos para o processo educacional, seja para a formação do professor, seja para a relação do processo ensino-aprendizagem numa visão dialógica.

2 - Capítulos

Vamos primeiro averiguar algumas conexões entre o Mito da caverna com assuntos tratados na *República*, no intuito de explicitar algumas referências para sua leitura e interpretação. Em seguida, nos debruçaremos na questão da dialética como processo vivenciado pelo homem acorrentado que se libertou e alcançou o mundo exterior e a forma de saber que lhe subjaz, bem como fazer interlocuções com Freire e Lucksi sobre a importância de uma educação dialógica. Por fim, comentaremos a pertinência desses elementos para o processo educacional, seja para a formação do professor, seja para a relação de ensino-aprendizagem.

2.1 – Contexto e conexões do Mito da caverna na *República*

O mito da caverna, encontrado nos escritos de Platão, continua sendo uma metáfora convincente para contemplar a educação. Esta alegoria platônica ilustra prisioneiros presos dentro de uma caverna, percebendo apenas as sombras projetadas em uma parede, e nos convida a considerar a essência do conhecimento, o significado da educação e o papel do professor. Desta forma é importante fazer conexões de como o Mito da Caverna se relaciona com a educação dialógica, um método de ensino que enfatiza o diálogo e a criação colaborativa de conhecimento. Na alegoria de Platão, os prisioneiros simbolizam a humanidade confinada por aparências superficiais, opiniões e preconceitos. As sombras na parede representam o reino sensível, a realidade aparente revelada a nós por meio de nossos sentidos. Escapar da caverna significa a busca da verdade, a compreensão de ideias puras e a libertação de falsidades.

O Mito da Caverna está longe de ser um trecho independente na *República*; em vez disso, seus temas estão profundamente entrelaçados com as discussões presentes ao longo deste texto, que de alguma forma se tornam arraigadas dentro desta narrativa. É importante enfatizar várias conexões potenciais, pois elas podem fornecer nuance e ênfase ao ponto de vista que pretendemos adotar na interpretação desta história e sua aplicação à educação, particularmente no que diz respeito ao avanço da aprendizagem dialógica.

A *República* é considerada uma obra de extrema importância, devido aos seus influentes diálogos transmitidos por Platão (discípulo de Sócrates), consagrado por volta de 375-374 a.C. Ela adentra no campo da política, buscando alicerçá-la na justiça enquanto virtude, e esta, na educação, enquanto programa formativo. Platão reflete sobre o declínio da democracia de Atenas, propondo um modelo de cidade-Estado ideal, ou seja, uma “cidade feliz” (PLATÃO, 1990, p. 162; IV,420c): ideal não precisamente por sua perfeição, mas porque está toda ela ordenada (cf. PLATÃO, 1990, p. 175; IV,427e) e voltada à ideia do Bem supremo. Esse intuito é supervisionado por Pereira:

O Bem, para Platão, é, em primeiro lugar, e com mais evidência, a finalidade ou alvo da vida, o objeto supremo de todo o desígnio e toda a aspiração. Em segundo lugar, e mais surpreendentemente, é a condição do conhecimento, o que torna o mundo inteligível e o espírito inteligente. E em terceiro, último e mais importante lugar, é a causa criadora que sustenta todo o mundo e tudo o que ele contém, aquilo que dá a tudo o mais a sua própria existência (RAVEN apud PEREIRA, 1990, p. XXVII).

Orbitam a ideia de Bem – e sua respectiva metáfora do Sol (cf. PLATÃO, 1990, p. 305-311; VI,507b-509d) – algumas operações cujo eco fazem-se sentir nas articulações propostas pelo Mito da Caverna, a saber: a harmonia e alinhamento entre as quatro virtudes, as três classes que formam a cidade e os três elementos da alma (cf. PEREIRA, 1990, p. XXIII).

Quatro são as virtudes que Platão reconhece, tanto para a alma, quanto para a cidade (cf. PLATÃO, 1990, p. 190; IV,435e; p. 202-203; IV,442d-e). Uma cidade solidamente fundada pressupõe uma alma virtuosamente formada, e vice-versa (cf. PLATÃO, 1990, p. 189; IV,435a-c). A sabedoria (*sophia*), a coragem (*andreia*) e a temperança (*sophrosyne*), respondem, cada qual, por um elemento/parte da alma, bem como por uma classe pela qual se ordenam os habitantes da cidade (*polis*), conforme aquela para a qual cada um, de acordo com sua natureza, for mais dotado a desempenhar (cf. PLATÃO, 1990, p. 185; IV,433a).

Platão descreve assim a classe dos guardiões/governantes, na qual se sobressai a virtude da sabedoria (cf. PLATÃO, 1990, p. 176-177; IV,428b-e). A coragem se

manifesta de maneira mais saliente junto aos guerreiros/guardas/militares (cf. PLATÃO, 1990, p. 178-180; IV,429a-430b). A temperança é a virtude mais evidente na classe dos artífices, sejam eles os lavradores, os artesãos e os comerciantes (cf. PLATÃO, 1990, p. 181-183; IV,430e-432a). A harmonia e adequação no conjunto dessas disposições, com cada um fazendo somente aquilo que lhe compete, produz a justiça (*dikaiosyne*) (cf. PLATÃO, 1990, p. 185-188; IV,433a-534d).

Abster-nos-emos de nos aprofundar nos méritos de abordar ou complicar cada um desses aspectos, pois há debates intensos sobre qual deve ter precedência ou servir como foco inicial. O valor de nossa investigação nos leva a examinar como esses dados são integrados à estrutura educacional do Mito da Caverna.

Uma passagem notável revela Sócrates empregando a analogia de um local escuro e sombrio, o que exemplifica o esforço que ele empreende com Glaucon para compreender a essência da justiça dentro de uma cidade. Eles reconhecem que sua jornada começa em um cenário "inacessível e sombrio" — semelhante a uma caverna — o que implica que seu caminho é direcionado a um ambiente mais acolhedor, brilhante e aberto. (cf. PLATÃO, 1990, p. 184; IV,432c).

Também devemos considerar que, tomando uma forma nítida na Alegoria da caverna, a divergência entre opinião (*doxa*) e saber (*sophia*) (cf. PLATÃO, 1990, p. 184; VII,514a-518b) demarca os parâmetros da organização social e política da cidade, como ainda faz valer uma concepção antropológica firmemente arraigada ao projeto educacional da *polis*. É como Jaeger assim destaca:

O próprio Platão se encarrega de interpretar esta alegoria, para saber o que significa, é só relacioná-la com o que procede, isto é, com a alegoria do Sol [...]. A caverna corresponde ao mundo do visível e o Sol é o fogo cuja luz se projecta dentro dela. A ascensão para o alto e a contemplação do mundo superior é o símbolo do caminho da alma em direção ao mundo inteligível (JAEGER, 1995, p. 885).

Importa que, na sequência, passemos a uma análise mais detida da narração que Platão se dedica a compor.

O argumento que desejamos compor se serve de um sentido básico e preliminar de “dialética”. É cabível pontuar que, em sentido amplo, a dialética em Platão se refere a uma “investigação conjunta, feita através da colaboração de duas ou mais pessoas, segundo o procedimento socrático de perguntar e responder” (ABBAGNANO, 2007, p. 169).

Quem também evidencia a acepção primária de dialética como diálogo é Maria Helena da Rocha Pereira. Em introdução à *República*, ela argumenta: *O termo ‘dialética’, que desempenha um papel quase tão proeminente na filosofia platônica como ‘forma’, não significa originariamente nada mais do que o processo de discussão oral por meio de pergunta e resposta* (NETTLESHIP apud PEREIRA, 1990, p. XXXIII).

Ao passo que a noção de “dialética” seja uma palavra-chave para a compreensão dessa matriz filosófica e de seus grandes voos especulativos, atemo-nos ao seu sentido primário. Num de seus aspectos, Pereira sublinha: *Derivada de dialegesthai (‘falar com’, ‘discorrer’, ‘raciocinar’), pressupõe interlocutores – exatamente como ocorre no modo de filosofar da obra platônica, designada, aliás, por uma palavra da mesma família: ‘diálogo’*. (PEREIRA, 1990, p. XXXII).

Uma pergunta que Rocha (2013) se faz é a seguinte: “Por que Platão escreve em diálogo?”. A pista para uma resposta estaria em sua raiz filológica. Etimologicamente a palavra diálogo é uma junção entre o termo *diá* que remete a uma ideia de separação, somado ao termo *logos* que significa, entre outros tantos significados possíveis, discurso” (ROCHA, 2013, p. 139). E prossegue:

Pode-se inferir que o diálogo separa o *Logos*, isto é, analisa-o separadamente. Assim, ao contrário de uma narrativa, o diálogo possui a capacidade de analisar, cuidadosamente, partes do conjunto. Desta maneira propicia a síntese e a compreensão da totalidade do discurso dialógico. Portanto, se constitui como a forma mais próxima de manter na escrita à proximidade do *logos* vivo da argumentação oral. [...]

Infere-se, pois, que a palavra falada sempre dispõe da possibilidade de abertura, de pergunta e de espaço para a contradição (ROCHA, 2013, p. 139).¹

Afirma Ferrater Mora (1964, p. 450) que, na Filosofia, o diálogo/a dialética se distingue da “controvérsia sofística, onde o diálogo é mera disputa e não processo cognoscitivo”. Em se tratando das atividades de Sócrates, o que se compõe é sempre um diálogo refutativo e de análise, o *elenchos* (JAEGER, 1995, p. 560). Todas essas qualidades de diálogo são cruciais para que a Alegoria da Caverna possa ser absorvida como um processo formativo no qual os professores atuam. Acreditamos que a capacidade de incentivar o diálogo, nos moldes sugeridos pela filosofia platônica, é muito familiar ao ensino. A experiência da caverna orienta essas iniciativas, demonstrando que ninguém consegue se libertar ou chegar sozinho ao ponto de vislumbrar o sol e os fenômenos causados por sua luz.

Nisso que poderíamos chamar de “exercício dialético” (FERRATER MORA, 1964, p. 444), é para esse exato ponto que convém dizer que [...] a filosofia em Platão compõe em si não apenas o *logos* vivo do discurso, ou seja, do movimento, do pensar contínuo, mas também expressa uma atitude, um novo modo de realizar-se a si mesmo com os outros. Do contrário, teríamos uma filosofia monológica e não dialógica” (ROCHA, 2013, p. 140).

É sugestivo pontuar que a imagem da habitação subterrânea é remetida, literalmente, à condição em que se encontram os homens em face da educação: Diz Sócrates ao início: “[...] imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta” (PLATÃO, 1990, p. 315; VII, 514a). Tal propósito é referenciado por Pereira, que diz que essa indicação, logo no começo do livro VII, “*constitui o tema central do Livro*” (PEREIRA, 1990, p. XXX).

Essa colocação reforça a necessidade de pensarmos a atuação do professor, qual profissional da educação que lida diretamente com o processo de ensino-

aprendizagem. Como ele percebe e ambientaliza a dinâmica que pretende desenvolver com seus alunos? Será que ele supõe um percurso de libertação e elevação da alma de um possível estado de sombras e escuridão? Lançará mão do diálogo como estratégia pedagógica, ou mais, como veículo de pensamento e arte de argumentação? Essas questões tornam-se hodiernamente urgentes, visto o cenário que Vidal Nunes assim retrata:

Um educador, através da sua prática profissional, poderá estar formando pessoas submissas, subservientes: presas fáceis à ação dos políticos corruptos e preocupados com os seus próprios interesses. Quando uma sociedade garante aos seus cidadãos qualidade no ensino e na educação, isso se reflete na esfera política, possibilitando a todos participação política e democrática (NUNES, 2017, p. 13).

Podemos dizer que, conforme o foco de leitura aqui explorado, a prática educativa é diretamente visada pelo Mito da caverna, uma posição que Marcondes ratifica: “É este precisamente o percurso do prisioneiro até transformar-se no sábio, no filósofo, devendo depois retornar a caverna para cumprir sua tarefa político-pedagógica de indicar a seus antigos companheiros o caminho” (MARCONDES, 2000, p. 39)

O que está em jogo, portanto, no Mito da Caverna, não é nem tanto a cidade ideal, mas a tarefa concreta de se implementar um sistema que possua, em seu escopo: formação intelectual, educação para a ética e, considerando a política e o bem comum, diálogo e participação. Aglutinando todos esses aspectos, Jaeger comenta: “O diálogo socrático não pretende exercitar nenhuma arte lógica da definição sobre problemas éticos, mas é simplesmente o caminho, o ‘método’ do *logos* para chegar a uma conduta reta” (JAEGER, 1995, p. 563).

A Alegoria da caverna relata todo o trajeto de libertação e apreensão da realidade pelo prisioneiro, tornando-se gradativamente capaz de contemplar a beleza do mundo real, conhecendo os fatos como realmente são. Marcondes entende que Platão narra “o processo pelo qual o indivíduo passa ao se afastar do mundo do senso comum e da opinião em busca do saber e da visão do Bem e da Verdade” (MARCONDES, 2000, p. 39). Buscando ser ainda mais incisivo nesse tema, para Jaeger o homem teria assim

nascido para a *paidéia*, e a verdadeira essência da educação, o fim (*telos*) do processo educacional, [...]é dar ao Homem condições para alcançar o fim autêntico da sua vida” (JAEGER, 1995, p. 571).

Platão já predissera que a educação e a instrução constituem o alicerce central da cidade. Trata-se de uma república que, ao que nos reserva não tratarmos de temas como a questão da mulher e do casamento com finalidade procriativa – que, como sabemos, é abordada por Platão (cf. PLATÃO, 1990, p. 168; IV,423e-424b) –, ela tem como projeto alargar-se concentricamente, a partir daquilo que se forma como natureza sempre mais boa e honesta, de geração em geração (cf. PLATÃO, 1990, p. 168; IV,424a). Essa educação incute princípios e determina caminhos que, mais tarde, dispensarão a necessidade de serem impostos mediante a força coercitiva das leis. Não é necessário legislar sobre aquilo para o qual o homem já foi previamente educado a fazer (cf. PLATÃO, 1990, p. 140-171; IV,425a-e).

Nesta linha, compreende-se o papel de uma postura filosófica na formação do professor, no sentido de desenvolver uma consciência crítica e reflexiva em seus alunos. Visualizamos, como elementos atrelados a esse propósito: o exercício dialógico, crítico e reflexivo, a correspondência entre teoria e prática, a consciência de ser um agente transformador da realidade.

Para Silva (1995), a Alegoria traz como fonte última do conhecimento esse voltar-se para a fonte de luz, deixando por conseguinte as sombras. O método dialético “garante que esta busca não seja uma errância, mas algo que se dá numa direção bem determinada” (SILVA, 1995, p. 14). No entanto, [...]aquele que se alçou às alturas da contemplação não deseja *naturalmente* retornar à Caverna” (SILVA, 1995, p. 14). Embora Platão não especifique se se tratou de um retorno voluntário ou forçado, o que melhor esclarece essa atitude é o ponto de vista *pedagógico*: [...]a interferência no social simbolizada pela volta à Caverna, caracteriza-se principalmente pela educação” (SILVA, 1995, p. 14).

Essa intersecção faz do professor um filósofo, e enquanto filósofo, um político sempre de plantão. Assim como o guardião zela pela manutenção da justiça, o filósofo é aquele

que reivindica, como único poder para si, o ônus de [...] dirigir a educação dos cidadãos” (SILVA, 1995, p. 15), isso porque, em última análise, ele se vê como[...] um homem entre outros homens, e não uma alma desencarnada em contato com as ideias” (SILVA, 1995, p. 14).

Concebemos que o diálogo seja constitutivo do processo educativo. Dizendo de outro modo, postulamos que todo educar deve estar imbuído de uma estrutura dialogal. E como a Alegoria da caverna se refere, no parecer de certos comentadores, ao processo formativo do cidadão (grego), é plausível que assim se verifique o seu formato dialético.

Nesse sentido, o desafio atual da educação, e principalmente do professor, é proporcionar aos estudantes um ensino que esteja sustentado por uma relação de diálogo. Trata-se, de acordo com nossa análise, de uma postura eminentemente filosófica, em que se tem esse método não como fim, mas como meio para se promover iniciativas em favor do bem comum e de luta pelos direitos civis. Em conclusão de uma pesquisa semelhante a esta, seus autores asseveram:

Percebemos, portanto, a importância do papel do professor de filosofia: dar as bases da criticidade a muitos que já estão acostumados com as sombras do senso comum. O professor, enquanto educador carrega sobre seus ombros a missão de mostrar de que maneira aqueles que estão na caverna podem libertar-se das correntes, claro que não será um processo fácil, pois a filosofia não é uma disciplina fácil de ser ensinada. Mas é preciso ir sempre além de seus limites, desempenhando sempre o melhor de seu papel como educador. O filósofo sentiu dor com a luz do conhecimento e com incompreensão dos outros; com a missão de docente também haverá estas dificuldades (AGUIAR; PEREIRA; MOREIRA, p. 4)

O diálogo serve não apenas para apresentar ideias, mas também para evidenciar as diversas formas de ação, tendo como finalidade estimular os indivíduos a não aceitarem passivamente aquilo que lhe é veiculado como valores e informação.

Também levamos em consideração outro benefício da educação, conforme o exprime Silvana Bollis (2013, p. 93): “a educação pode [...] corrigir a tendência ao descomedimento, evitando os vícios, provocando o desejo de buscar o saber”. De certo, na Alegoria da caverna, Platão expressa a necessidade de uma educação

voltada para a constituição de um novo homem, na construção de uma sociedade mais justa, retratando o processo educacional de libertação que todos os seres humanos devem buscar ao longo de sua própria existência. Aquele que alcança o conhecimento do bem, o conhecimento verdadeiro, torna-se melhor e mais feliz.

A prática educativa do professor deve direcionar, portanto o estudante a abrir-se para uma vivência de trocas com o meio onde está inserido. A formação do professor precisa interagir com os saberes dos estudantes, o que exige criticidade, bom senso, curiosidade, ética profissional, respeito à autonomia do outro, comprometimento etc. É necessário compreender que a educação é uma intervenção no mundo. Isso desafia o professor, pois o ato de ensinar não se encerra nos conteúdos disciplinares, mas exige que acima de tudo a escuta, o diálogo, a reflexão compartilhada e conjunta. Para Platão questionar é um atributo de um filósofo- professor-estudante, porque não há outro início para a filosofia que não seja a indagação em vista do saber e do engajamento.

Tanto Platão quanto outros educadores dialógicos como Paulo Freire enfatizam a importância do diálogo como ferramenta para a construção do conhecimento. No Mito da caverna, o diálogo entre o filósofo e os prisioneiros é fundamental para a libertação destes. A filosofia platônica quanto à educação dialógica têm como objetivo a busca pela verdade. A educação dialógica, ao valorizar a investigação e a problematização, contribui para que os estudantes desenvolvam um pensamento crítico e autônomo.

Em ambas as perspectivas, o professor desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, visando uma educação dialógica. No mito da caverna, o filósofo é o guia que auxilia os prisioneiros a saírem da caverna. Na educação dialógica, o professor é um mediador que facilita a construção do conhecimento pelos estudantes.

2.2- Diálogo: uma perspectiva para a escola como instância de mediação pedagógica

A busca por uma educação que promova a autonomia, a criticidade e a transformação social é um desafio constante para educadores de todas as épocas. Platão, com seu Mito da caverna, já nos instigava a refletir sobre a importância da educação para a libertação do indivíduo. Séculos depois, Paulo Freire e Cipriano Luckesi, cada um a sua maneira, retomam essa discussão, propondo pedagogias que valorizam o diálogo, a problematização e a formação integral do sujeito.

Neste capítulo, aprofundaremos a discussão sobre a educação dialógica, estabelecendo pontes entre as ideias desses três pensadores e a prática pedagógica. A partir da análise de conceitos como diálogo, problematização, conscientização, avaliação formativa e formação contínua, apresentaremos questões pertinentes para o aprimoramento de uma prática pedagógica dialógica em diferentes contextos educativos.

O diálogo, para Freire, é o cerne da educação. É através dele que os sujeitos se encontram, trocam experiências e constroem conhecimentos de forma colaborativa. De acordo com Freire(1970, p.43) "O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos." O conceito de diálogo, conforme expresso por Paulo Freire é fundamental para a construção de relações mais humanas e solidárias entre os indivíduos. Freire sugere que o diálogo não é apenas uma troca de palavras, mas sim um encontro amoroso entre os homens, onde cada um traz sua experiência e saber, contribuindo para uma transformação mútua.

O diálogo é uma prática essencial para a humanização dos indivíduos e a transformação das sociedades. Por meio da comunicação respeitosa e amorosa, é possível promover a conscientização, a solidariedade e, conseqüentemente, a busca por um mundo mais justo. O diálogo, portanto, deve ser visto como um caminho para a construção de relações mais saudáveis e para a promoção de uma cultura de paz, onde todos possam se sentir parte integrante e ativa da sociedade.

No ato de dialogar, os indivíduos são mediatizados pelo mundo ao seu redor. Isso significa que suas experiências, contextos sociais, culturais e históricos influenciam a forma como se comunicam e interagem. O diálogo, portanto, não é um fenômeno isolado, é uma prática que ocorre dentro de um determinado contexto social e histórico, onde as realidades de cada um se entrelaçam. Essa mediação é crucial, pois nos lembra que cada pessoa traz consigo uma bagagem única, que deve ser respeitada e considerada durante a comunicação.

O diálogo, portanto, se torna uma ferramenta poderosa para a mudança social, pois permite que as vozes de diferentes pessoas sejam ouvidas e que novas perspectivas sejam consideradas. Essa dinâmica de troca e transformação é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e participativa. Freire enfatiza que o diálogo deve ser pautado pela dignidade e pelo respeito mútuo, promovendo um ambiente onde cada um se sinta valorizado em sua especificidade. Essa prática não apenas estimula a consciência crítica, mas também cultiva a solidariedade e a empatia, elementos fundamentais para uma convivência pacífica e harmoniosa.

Em síntese, o diálogo é uma prática essencial para a humanização e a transformação social. Ele possibilita a promoção da conscientização, da solidariedade e da busca por um mundo mais justo e igualitário, sendo um caminho indispensável para a construção de relações saudáveis e para a formação de uma cultura de paz, onde todos se sintam ativos e integrados na sociedade.

Ao compararmos a importância do diálogo de Freire como o caminho para o rompimento da ignorância, com o “Mito da caverna” de Platão que retrata de forma pertinente que saída da caverna, metáfora da busca pelo conhecimento, representa uma jornada solitária e dolorosa. A libertação das sombras da ignorância, processo comparável à maiêutica socrática, exige a ruptura com as próprias crenças e a superação das limitações impostas pela experiência sensorial.

Para Platão, a alma, aprisionada no corpo, anseia pela luz da verdade. O mundo material, repleto de ilusões e aparências, obscurece a visão da realidade. A busca pelo

conhecimento, portanto, consiste em uma ascensão gradual rumo ao mundo das ideias, onde a razão se liberta das amarras do corpo.

Ao reconhecer a natureza ilusória do mundo sensível, o indivíduo dá o primeiro passo em direção à liberdade. A libertação, contudo, não se dá de uma vez por todas, mas sim através de um processo contínuo de questionamento e busca pela verdade. A morte física não é necessária para alcançar a liberdade; basta que a alma se liberte das correntes da ignorância

Considera-se que o indivíduo produz, apropria e objetiva os conhecimentos na relação com outros sujeitos e com os diversos conhecimentos no cotidiano das práticas sociais e culturais. Por isso, a prática pedagógica precisa, no que tange um currículo contextualizado trabalhar, refletir, discutir e reelaborar o processo de ensino aprendizagem primando por uma educação que leve em conta o contexto, a partir de uma relação dialógica.

A metodologia freiriana propõe um ensino que parte da realidade dos estudantes, levando em conta suas experiências e conhecimentos prévios. As práticas pedagógicas do cotidiano escolar devem ser organizadas de forma a promover a participação ativa dos estudantes, estimulando a troca de ideias e a construção conjunta do saber. Freire defende que a educação deve ser um processo dialógico, onde todos os participantes são sujeitos do conhecimento. O diálogo é fundamental para a construção de saberes e para a transformação da realidade.

Nesse processo dialógico a conscientização indispensável, pois os estudantes se tornam críticos de sua realidade, identificando as opressões e lutando por mudanças. Freire acredita que a educação deve promover a reflexão e a ação, direcionando os estudantes a uma compreensão mais profunda de sua condição social.

Freire destacou a importância da conscientização e da crítica em relação ao mundo e ao papel do professor na transformação social. Uma de suas principais contribuições para a educação foi a crítica ao que ele chamava de "educação bancária", onde o conhecimento é depositado nos estudantes de forma passiva, sem espaço para diálogo

ou reflexão. Em contraste, Freire defendia uma educação libertadora, que promove a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento.

(...) estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vistas sobre o mundo, sem ciência, ou teologia, sem assombro em face ao mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível (FREIRE, 2011, p.57).

Para transformarmos nossas práticas pedagógicas e promovermos uma aprendizagem mais significativa, é imprescindível incorporar os princípios da perspectiva dialógica. Ao valorizar o diálogo e a interação entre os sujeitos, essa abordagem possibilita a construção coletiva do conhecimento, superando modelos tradicionais de ensino centrados na transmissão de informações. De acordo com Freire:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade. Uma educação à altura dos desafios contemporâneos a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (FREIRE, 1991, p. 43)

O papel do professor, segundo Freire, vai além do simples ensinamento; ele deve ser um facilitador do processo de aprendizagem, que estabelece uma relação de respeito e parceria com os estudantes. Essa relação dialógica é essencial para possibilitar a construção de um conhecimento significativo e relevante.

A pedagogia de Paulo Freire tem como pilar a palavra, entendida como ação e reflexão. Através do diálogo, professores e estudantes constroem juntos o conhecimento, superando a relação vertical e desigual típica da educação bancária. Nessa perspectiva o estudante não é um mero receptor de informações, mas um sujeito ativo no processo de aprendizagem, capaz de transformar sua realidade a partir do conhecimento adquirido.

A pedagogia dialógica, em linhas gerais, propõe que o processo de ensino e aprendizagem seja construído através do diálogo entre todos os envolvidos: professores, estudantes e comunidade escolar. Nesse contexto, o conhecimento não é transmitido de forma unilateral, mas sim construído coletivamente, a partir das experiências e saberes de cada um. Ao enfatizarmos a importância da aprendizagem compartilhada, destacamos a necessidade de implementarmos práticas pedagógicas que estimulem a produção e a apropriação de conhecimentos de forma dialógica. Ao promover a interação entre os sujeitos e valorizar os saberes diversos, essa abordagem possibilita a construção de novos significados e a transformação das práticas sociais e culturais. A linguagem, como mediadora dessa construção, desempenha um papel fundamental na apropriação do mundo.

Precisamos romper com as relações de poder que ainda permeiam as práticas pedagógicas na qual a avaliação se insere como inibidora da interação entre estudantes e professores, bem como rever o foco que ainda persiste na dimensão quantitativa em detrimento da qualitativa, que subjuga a capacidade dos estudantes enquanto produtores de conhecimentos.

A visão de Luckesi sobre a avaliação se encaixa perfeitamente nessa perspectiva. Para ele, a avaliação não deve ser um instrumento de julgamento e classificação, mas sim um meio de acompanhar o processo de aprendizagem, identificar dificuldades e potencialidades, e promover o crescimento de todos os envolvidos.

Ao propor uma avaliação humanizada e formativa, Luckesi transforma a avaliação em um instrumento de diálogo. Através da análise dos resultados, o professor pode identificar as dificuldades dos estudantes e planejar ações para superá-las. Ao mesmo tempo, o estudante pode refletir sobre seu próprio processo de aprendizagem e estabelecer metas para o futuro.

A pedagogia dialógica de Cipriano Luckesi nos convida a repensar a prática avaliativa, colocando-a a serviço da aprendizagem e do desenvolvimento humano. Ao transformar a avaliação em um instrumento de diálogo e colaboração, podemos construir uma educação mais justa, democrática e significativa.

Luckesi propõe uma educação que valorize o diálogo, a colaboração e a autonomia do estudante. A avaliação, nesse contexto, é um instrumento fundamental para acompanhar o processo de aprendizagem e promover o desenvolvimento integral do estudante.

Apresentamos três tendências filosóficas de interpretação da educação que redundam em formas de agir, politicamente, no contexto da prática pedagógica. A tendência redentora propõe uma ação pedagógica otimista, do ponto de vista político, acreditando que a educação tem poderes quase absolutos sobre a sociedade. A tendência reprodutivista é crítica em relação à compreensão da educação na sociedade, porém, pessimista, não vendo qualquer saída para ela, a não ser submeter-se aos seus condicionantes. Por último, a tendência transformadora, que é crítica, recusa-se tanto ao otimismo ilusório, quanto ao pessimismo imobilizador. Por isso, propõe-se compreender a educação dentro de seus condicionantes e agir estrategicamente para a sua transformação.(LUCKESI, 2011, p 68)

Por isso, precisamos tomar uma decisão política, didática, pedagógica e ideológica em prol de um processo educativo de humanização. Sujeitos humanos com consciência crítica. De acordo com Lima (2007, p. 18)

A humanização se refere ao desenvolvimento cultural da espécie, ou seja, refere-se ao momento histórico pelo qual passa a humanidade e quando cada país participa do acervo da cultura, da tecnologia, das ciências e dos bens disponíveis a um momento dado. Humanizar é o processo pelo qual todo ser humano passa para se apropriar das formas humanas de comunicação, para adquirir e desenvolver os sistemas simbólicos, para aprender a utilizar os instrumentos culturais necessários para as práticas mais comuns da vida cotidiana até para a invenção de novos instrumentos, para se apropriar do conhecimento historicamente constituído e das técnicas para a criação nas artes e nas ciências.

Quando concebemos a avaliação como parte do processo de ensino aprendizagem, possibilitamos estudos e aprofundamentos em relação aos conhecimentos trabalhados, bem como reflexão sobre as necessidades de mudança no planejamento e na metodologia adotada. De acordo com Luckesi(2000), “A avaliação humanizada implica um retorno à prática educativa, onde o educador escuta o aluno e entende suas necessidades e dificuldades, criando um ambiente de ensino que favorece o crescimento mútuo.”

Avaliação Humanizada de Luckesi oferece um olhar inovador e transformador sobre a avaliação na educação, tendo o estudante como centro do processo. Ao respeitar a individualidade e promover um ambiente de aprendizagem cooperativa, essa abordagem não apenas enriquece a experiência educacional, mas também contribui para a formação de cidadãos mais críticos e empáticos. À medida que os professores adotam essa prática, é fundamental permanecer aberto ao diálogo e às experiências compartilhadas, ajustando métodos e estratégias para que a avaliação cumpra seu papel de forma mais eficaz e significativa.

Tanto Platão quanto Luckesi enfatizam a importância da busca pela verdade. No Mito da Caverna, o prisioneiro que se liberta busca a verdade além das sombras. Na avaliação humanizada, o objetivo é buscar a verdade sobre o aprendizado do estudante. A saída da caverna representa a superação da ignorância e a busca por um conhecimento mais profundo. A avaliação humanizada também busca superar a visão limitada do estudante, oferecendo-lhe oportunidades para crescer e aprender. No Mito da Caverna, o prisioneiro que retorna à caverna tenta dialogar com os outros, mas é rejeitado. Na avaliação humanizada, o diálogo entre professor e estudante é fundamental para o processo de aprendizagem. Tanto a saída da caverna quanto a avaliação humanizada envolvem um processo de transformação do sujeito. O prisioneiro que se liberta se transforma ao conhecer a verdade, e o estudante que passa por uma avaliação humanizada se transforma ao receber retorno e superar suas dificuldades. Ao conectar esses dois conceitos, podemos compreender melhor a importância de uma avaliação que valorize o diálogo, a especificidade do estudante e a busca constante por um conhecimento mais aprofundado.

A relação entre os pensamentos de Freire e Luckesi se manifesta na busca por uma educação mais inclusiva e libertadora. Ambos educadores valorizam o diálogo, a reflexão e a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento. Para Freire, a avaliação é uma prática que deve auxiliar na conscientização e no empoderamento dos estudantes, enquanto Luckesi a vê como uma oportunidade para promover o desenvolvimento integral e o crescimento pessoal de cada um.

A avaliação humanizada, portanto, pode ser entendida como um espaço onde as ideias de Freire e Luckesi se entrelaçam, reconhecendo a singularidade de cada estudante e promovendo um ambiente em que todos podem contribuir e se desenvolver de maneira significativa. Ambos nos convidam a repensar a forma como avaliamos, afastando-se do olhar punitivo e classificatório e buscando sempre o respeito e a valorização das experiências de cada estudante.

Pensando na questão da filosofia, desde os tempos antigos, tem sido uma busca incessante pela compreensão do mundo e do lugar do ser humano nele. Na contemporaneidade, a educação assume um papel central nesse processo, sendo responsável por formar cidadãos críticos e reflexivos. Este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da filosofia na formação do professor, utilizando as ideias de Cipriano Luckesi e Platão para mostrar como a educação pode ser um instrumento de transformação social. Ao analisar as concepções desses pensadores, busca-se evidenciar a necessidade de uma educação que promova a autonomia, o pensamento crítico e a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

A educação é um ato político que interfere na realidade. O professor, nesse contexto, tem o papel de desafiar seus estudantes a questionarem o mundo à sua volta, promovendo a construção de uma sociedade mais justa e democrática. A formação docente deve, portanto, preparar profissionais críticos, reflexivos e comprometidos com a transformação social.

O mito da caverna, de Platão, nos mostra a importância de sair da zona de conforto e buscar a verdade. Ao se libertar das sombras da ignorância, o indivíduo adquire a capacidade de transformar a realidade. Assim como o prisioneiro que retorna à caverna para iluminar os outros, o professor tem a missão de proporcionar seus estudantes numa jornada de descoberta e conhecimento.

De acordo com Platão:

“Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem

imóveis e só veem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem. (...) Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto à mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a ideia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos” (PLATÃO, 1956, p. 287-291).

A filosofia, ao convidar o professor a pensar sobre o significado da educação e seu papel na sociedade, contribui para a construção de uma prática pedagógica mais significativa e transformadora. Ao estimular o diálogo, a reflexão e a construção conjunta do conhecimento, o professor se torna um agente de mudança, capaz de inspirar seus alunos a transformar o mundo.

A educação dialógica, inspirada nas ideias de Platão, Freire e Luckesi, oferece uma alternativa às práticas pedagógicas tradicionais. Ao valorizar o diálogo, a problematização, a avaliação formativa e a cultura, essa pedagogia promove a autonomia, a criticidade e a formação integral do sujeito.

A implementação da educação dialógica exige uma mudança de paradigma na forma como entendemos a educação. É preciso romper com as práticas tradicionais e construir novas formas de ensinar e aprender. Ao valorizar o diálogo, a autonomia e a cultura, a educação dialógica contribui para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e engajados na transformação da sociedade.

2.3 - O Mito da Caverna e a Educação Dialógica: Diálogos e Convergências

O estudo das ideias de Platão, Paulo Freire e Luckesi revela um rico panorama de convergências que enriquecem o campo da educação. Tanto Platão quanto Freire e Luckesi acreditam que a educação é fundamental para a formação do indivíduo e para a construção de uma sociedade justa. Para Platão, a educação é um meio de alcançar a verdade e a justiça; Freire defende uma educação libertadora que promova a conscientização; e Luckesi enfatiza a avaliação como um processo de aprendizagem. Crítica à Educação Tradicional: Todos os três autores criticam a educação tradicional e suas práticas. Platão, em sua obra "A República", critica a educação que não busca a verdade. Freire denuncia a educação bancária, onde o conhecimento é simplesmente depositado nos estudantes. Luckesi, por sua vez, critica a avaliação que não considera o processo de aprendizagem. O diálogo é um elemento central nas três abordagens. Platão utiliza o método socrático para promover a reflexão crítica; Freire propõe a dialogicidade como forma de estabelecer relações de respeito e igualdade no processo educativo; e Luckesi defende que a avaliação deve ser um espaço de diálogo entre educador e educando.

Os diálogos entre Platão, Freire e Luckesi nos mostram que, embora suas abordagens tenham diferenças significativas, as convergências em torno da importância da educação e do diálogo são fundamentais para a construção de uma prática educativa mais crítica e reflexiva. Essa interação entre os pensamentos desses três autores pode inspirar professores a refletirem sobre seus métodos e objetivos na busca por uma educação mais significativa e transformadora.

O Mito da Caverna, apresenta uma narrativa profunda sobre a percepção da realidade e o conhecimento. Descreve prisioneiros que vivem em uma caverna, vendo apenas sombras projetadas na parede, reflexo de objetos que passam diante de uma fogueira. Quando um dos prisioneiros é libertado e exposto ao mundo exterior, ele descobre a verdadeira realidade, representando uma jornada de aprendizado e autoconhecimento.

O mito representa uma metáfora poderosa para a formação da consciência crítica. Na educação contemporânea, é essencial que os estudantes não apenas absorvam informações, mas também questionem e analisem o conhecimento que lhes é apresentado, saindo da “caverna” da ignorância.

A transição do prisioneiro que observa as sombras para aquele que vê o mundo real simboliza a transformação do conhecimento. Na educação, isso representa a importância de facilitar experiências de aprendizado que permitam aos estudantes ver além das informações superficiais e entender contextos mais amplos. Na era da informação, onde as “sombras” podem ser vistas como desinformação, o Mito da Caverna nos alerta sobre a importância de desenvolver habilidades de pensamento crítico e de discernimento na busca por verdades.

A reflexão sobre o Mito da Caverna na educação contemporânea é fundamental para promover uma cultura de aprendizado contínuo e crítico. Ao encorajar os estudantes a sair de suas zonas de conforto e explorar realidades mais amplas, os educadores ajudam a formar cidadãos mais conscientes, capazes de questionar e transformar a sociedade. O mito, portanto, não é apenas uma obra filosófica, mas uma ferramenta educativa poderosa que continua a ressoar em nossos dias. A educação dialógica é um conceito que tem sido discutido por diversos autores ao longo da história, entre eles Platão, Freire e Luckesi. trouxeram contribuições significativas que podem ser aplicadas na prática pedagógica contemporânea.

Inspirado por Platão, a educação dialógica pode ser utilizada para estimular o pensamento crítico dos estudantes. Através de diálogos socráticos, os educadores podem encorajar os estudantes a questionar, refletir e debater ideias, levando-os a uma maior compreensão de si mesmos e do mundo ao seu redor. Paulo Freire enfatiza a importância de considerar a experiência de vida dos sujeitos no processo educativo. A prática dialógica permite que os professores reconheçam e validem as vivências dos estudantes, criando um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e significativo. A

educação libertadora é dialógica e tem como meta superar a superioridade ideológica entre professores e estudantes. De acordo com Freire:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é encontro em que se solidarizam o refletir e o agir e seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformados e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2019. p. 109)

Paulo Freire defende uma educação dialógica que seja transformadora e revolucionária. Nesse modelo, professor e aluno se encontram em um plano de igualdade, rompendo com a hierarquia tradicional. Ao invés da concepção bancária, que coloca o aluno em uma posição passiva, Freire propõe uma educação libertadora. Nela, o aluno, a partir de sua própria realidade, constrói o conhecimento e se torna agente de transformação social.

Luckesi defende a ideia de que o conhecimento deve ser construído coletivamente. A educação dialógica facilita essa construção ao promover discussões em grupo e o compartilhamento de diferentes perspectivas, resultando em um aprendizado mais colaborativo e participativo. A prática do diálogo na sala de aula ajuda os estudantes a desenvolverem habilidades sociais essenciais, como empatia, escuta ativa e respeito pela diversidade de opiniões. Essas habilidades são fundamentais para a formação de cidadãos críticos e conscientes. A educação dialógica também pode ser executada na avaliação do aprendizado. Através de diálogos contínuos, os professores podem fornecer feedback mais eficazes e formativo, permitindo que os estudantes compreendam seu progresso e identifiquem áreas que precisam de melhoria.

A educação dialógica, fundamentada nas ideias de Platão, Freire e Luckesi, oferece diversas implicações práticas que podem enriquecer a experiência de aprendizagem na sala de aula. Ao valorizar o diálogo, os professores podem criar um ambiente mais dinâmico, inclusivo e crítico, preparando os estudantes para os desafios do século XXI.

É o diálogo e o encontro com outro que proporciona a libertação das sombras e a contemplação da verdade.

Sócrates – [...] ele é compreendido somente pela razão mediante a dialética que interpreta as hipóteses não com princípio, mas sim como hipótese como premissas e ponto de partida para chegar ao princípio absoluto de cada coisa. Alcançando este a razão vai novamente ao fim por intermédio da sucessão das consequências sem qualquer referência sensível, mas passando de uma ideia a outra e permanecendo em seu âmbito até o fim. (PLATÃO, 1997, p. 224).

Desta forma o diálogo ilumina as sombras. A implementação das práticas dialógicas é um passo importante rumo a uma educação mais transformadora e significativa.

É imprescindível promover o aprendizado por meio de novas abordagens que valorizem as experiências pessoais dos alunos, estabelecendo conexões com os conhecimentos que já possuem. Platão nos ensina que a educação é uma jornada pessoal, simbolizando a transição da escuridão para a luz. O conhecimento representa essa iluminação, mas cada indivíduo tem suas próprias motivações e desejos, e nem todos estão prontos para iniciar essa caminhada em qualquer momento. Devemos iluminar a ignorância, mas é essencial considerar o aspecto delicado e temeroso que cada nova experiência pode apresentar. Ao refletir sobre o mito da caverna, podemos entender a educação como uma ferramenta que atrai as pessoas em direção à luz do conhecimento, além das sombras da caverna, abrindo um leque de possibilidades e alternativas.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a constituição de uma sociedade justa é preciso saber dialogar com a totalidade, tendo sabedoria, coragem, temperança e senso de justiça, buscando este caminho através da educação e do conhecimento.

O diálogo não é um monólogo disfarçado. Com ele, evidencia-se diferentes formas de ação, dando novo impulso à prática educativa. Compreendemos que a utilização do diálogo como metodologia de ensino não tem sido aproveitada de forma ampla nas escolas, sendo por vezes ignorada pelos professores e gestores. Seria interessante que, num panorama bem distinto, a dinâmica escolar estivesse imbuída de relações verdadeiramente dialógicas.

A prática dialógica, quando inserida na educação, permite que o ato educativo não se reduza somente a um agir de transmissão de conteúdo, mas traz ao primeiro plano a reflexão, em que se supõe a humanização, pois raciocinar nos humaniza.

Nos termos da formação docente, uma iniciação ao diálogo significa estabelecer uma diferença, nem sempre demarcada, entre falar com o outro e não para o outro, com vistas a tornar o estudante parte integrante do processo educacional, não um mero expectador de sua aprendizagem.

O homem se constitui mediante as suas vivências carregadas de valores, crenças, ideias etc. Logo a prática educativa é um processo interativo entre os seres humanos. O diálogo torna-se indispensável, principalmente em se tratando da formação e educação de crianças, adolescentes e jovens.

A escola tem um papel fundamental, sendo responsável por um ensino que priorize uma educação onde os homens tenham uma relação reflexiva com o conhecimento historicamente produzido e sistematizado. O diálogo precisa ter um espaço imprescindível no contexto das experiências vivenciadas no cotidiano das escolas, concretizado num agir pedagógico. O diálogo traz consigo a problematização, fazendo com que as pessoas desvendem sempre outras vias de compreensão. O diálogo

possibilita o estabelecimento de estruturas mais democráticas, com o objetivo de buscar a construção de sociedades mais justas.

Como parâmetro para educação, o professor deve despertar nos estudantes o seu conhecimento para além do senso comum, visando o conhecimento do mundo das essências. Isso implica em romper com sistemas educacionais impostos, alienantes e opressivos.

Conquanto se baseie no Mito da caverna, corresponde à filosofia (e aos filósofos) empenhar-se na construção de um tipo de homem como sujeito da educação, educação que lhe dê suporte para reconhecer os signos impressos no palco social, político e econômico, onde em muitos casos o que se projeta são imagens de sombras.

Enfim, o diálogo requer escuta, virtudes como sabedoria, coragem, temperança e justiça. Ele não pode acontecer de forma vertical (superioridade), mais horizontal (igualdade), viabilizando os saberes entre os indagadores e interlocutores. O saber não é algo acabado e estático. O professor que guia seus estudantes pelo método dialógico possibilita o desenvolvimento crítico e autônomo do sujeito.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Brandão Francisco, MOREIRA, Camilo Sampaio, PEREIRA, Francisca Márcia Soares. A relação entre o mito da caverna de Platão e o papel do docente em filosofia. [online].Disponívelna internet via http://www.uvanet.br/pibid/documentos/expandido/filosofia/filo_francisco.pdf. Arquivo capturado em 20 de maio de 2024.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.1010p.

ARANTES, Paulo (org); SILVA, Franklin Leopoldo e; FAVARETTO, Celso; FABRINI, Ricardo; MUCHAIL, Salma T. A Filosofia e seu Ensino. Petrópolis: Vozes, 1995.46p.

BOHM, Winfried. História da Pedagogia de Platão a atualidade. 3ª Ed. Florianópolis: Conceito Editorial, 2010.

BOLLIS, Silvana. Paideia Filosófica [manuscrito]: o sentido da formação n'A República de Platão. 2003. 102p.

CAMBI, Franco. História da Pedagogia. Tradução Álvaro Lorencini. 3ª Reimpressão. São Paulo: UNESP, 1999.

COSTA, Ademir. Estado e Educação em Platão. Revista de Pedagogia Perspectivas em Educação. Edição nº 03: ano 01, Maio/Jun/Ag. de 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática Educativa. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

JAEGER, Werner. Paideia: a formação do homem grego. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 1412p.

LORROYO, Francisco. História Geral da Pedagogia. São Paulo: Mestre JÓU, 1974.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da educação. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, José Francisco. A avaliação da aprendizagem numa perspectiva formativa. São Paulo: Papirus, 2000.

MARCONDES, Danilo. Testos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.184p.

MANACORDA, Mario A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. Trad.

Gaetano Lo Mônaco. 12^a Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MONDIN, Battista. Curso de Filosofia. Volume 01. 10^a Ed. São Paulo: Paulus, 1981.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Introdução. In: PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990. p. I-LXI.

PLATÃO. A República. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação.

